



pombalina
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

O Sonho de Luis Vives

Autor(es): Mariano, Alexandra de Brito
Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra
URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/42986>
DOI: DOI:https://doi.org/10.14195/978-989-26-1293-5_11
Accessed : 25-Nov-2017 10:41:44

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



Legado clássico no Renascimento e sua recepção:

contributos para a renovação
do espaço cultural europeu

Nair de Nazaré Castro Soares,
Cláudia Teixeira (Coords.)

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

O SONHO DE LUIS VIVES

Luis Vives' *Dream*

ALEXANDRA DE BRITO MARIANO (amariano@ualg.pt)
Universidade do Algarve

RESUMO – Os sonhos (*somnia*) fazem parte de uma extensa tradição cultivada desde a mais remota Antiguidade que perpassa pela Idade Média e se estende até à contemporaneidade. Pretendemos revisitar o *Somnium* de Luis Vives, relembando um texto da juventude do autor, que se insere nesta longa herança literária e que, num tom jocoso e brincalhão, é já revelador de ideias e preocupações recorrentes na obra do humanista Valenciano, nomeadamente no que concerne à educação.

PALAVRAS-CHAVE – Humanismo, Educação, Tradição literária, Sonhos, Vives.

ABSTRACT – Dreams (*somnia*) are part of a long tradition, cultivated from the most ancient Antiquity, permeating the Middle Ages and extending to present day. We want to bring up and display a particular example of this oneiric genre, the “Dream” of Luis Vives, revisiting it as a clear cut example of long literary heritage we mentioned. In a humorous and playful tone this author’s youth work is already revealing the ideas and concerns of Valencian humanist, particularly with regard to education.

KEYWORDS – Humanism, Education, Literary tradition, Dreams, Vives.

Durante os primeiros dois terços do século XVI, a produção literária de Juan Luis Vives gozou de enorme prestígio, quer no mundo católico, quer no mundo reformista. Os seus livros circularam nas colónias espanholas e inglesas da América, e os jesuítas levaram-nos a territórios igualmente longínquos a Oriente, como Goa, na Índia, à época colónia do Império Português. Na realidade, Vives, que o jesuíta André Schott considerou uma das três figuras cimeiras da *res publica litterarum*, em conjunto com Budé e Erasmo¹, na sua *Hispaniae bibliotheca* (Frankfurt, 1608), foi, imediatamente após Erasmo, o humanista mais lido do século XVI².

No âmbito deste Congresso Internacional, irei deter-me em pormenor numa obra de juventude do Valenciano, *Somnium Vivis*, um texto ficcional curto que descreve um sonho do próprio, como o título indica, e cujo modelo remonta ao *Somnium Scipionis* com que Cícero conclui o seu famoso diálogo *De republica*³ – não obstante a tradição dos *somnia* e o dispositivo literário de contar um sonho

¹ Erasmo viveu entre 1466 e 1536 e Budé entre 1467 e 1540. Vide González González 2008: 20 ss.

² González González 2008: 359 ss.

³ Cf. Oliveira 2008: 15-56 e 225 ss. Id. 2010: 65-86. Para a receção do *Somnium Scipionis*, especificamente na Antiguidade tardia e Idade Média, cf. Espírito Santo 2010: 101-117.

terem sido bastantes populares entre escritores mais antigos, como por exemplo Ênio e Luciano⁴, e este género ter sido cultivado durante a Idade Média, o Humanismo e mesmo em épocas posteriores. Se, na verdade, a tradição dos *somnia* de autoria humanística é vasta, porém, nem sempre a matriz literária de um conjunto alargado destas narrativas radica especificamente no *Sonho de Cipião*⁵, como sucede com a obra em apreço de Luis Vives que é um exemplo de influência direta do Arpinate.

O texto é um prefácio à edição e comentário (ou *Vigília*) de Vives ao texto de Cícero, e a obra conjunta foi publicada com o título *Somnium et Vigilia in Somnium Scipionis* (*Sonho e Vigília sobre o Sonho de Cipião*), em Antuérpia, em 1520, recebendo rasgados elogios sobretudo de Erasmo, mestre do Valenciano em Lovaina e de quem este se tornou amigo. A intervenção erasmiana tornou possível, concretamente, a reedição do livro, por Froben, em Basileia, em 1521, de que resultou a sua grande divulgação e difusão, evidenciada pelo facto de existirem pelo menos cinquenta cópias em numerosas bibliotecas. Mais tarde, em 1544, seria novamente impresso em Basileia e um ano depois em Veneza; em 1555 apareceria incluído nos *Opera omnia*. No início do século XVIII ainda era lido, como atesta a edição de Linköping, na Suécia, em 1708. Foram, aliás, as obras de juventude de Luis Vives, em particular as publicadas entre 1519 e 1520 – de que se destacam uma compilação de quinze *Opuscula varia*, um compêndio da sua produção literária em Paris, em conjunto com textos sobre Virgílio e Cícero, várias declamações e, sobretudo, a obra *In pseudodialecticos*, crítica acerba contra os professores de escolástica das universidades – que lhe granjearam fama e reconhecimento literário, tendo Vives contado com o apoio encomiástico do seu mestre, bem como de More e de Budé⁶.

Luis Vives nasceu em Valência, em 1492 (ou 1493) onde estudou e viveu os primeiros 16 ou 17 anos da sua vida. Pertenceu à minoria de judeus convertidos

⁴ Referimo-nos, em particular, ao sonho de Ênio com Homero nos *Anais* 1. 2-8 e à *Vera Historia*, onde o narrador visita, entre outros lugares maravilhosos, a Ilha dos Sonhos (2. 32-35), cf. Luciano de Samósata 2012: 61-108, esp. 101-102. Sobre a importância de *Somnium sive Gallus* e *Somnium sive Vita Luciani*, do mesmo autor, nomeadamente para a tradição onírica da sátira menipeia, cf. De Smet 1996: 91-92.

⁵ Recordem-se os dois “Sonhos” com que Petrus Nannius (1496-1557), professor de latim no Colégio Trilingue de Lovaina, inicia os seus cursos sobre os poetas latinos Virgílio e Lucrécio (*Somnium sive Paralipomena Virgili: res inferae a poeta relictæ et Somnium alterum, in liber II Lucreti præfatio*), em 1545. A influência de Vives é bem notória neste caso. Outro exemplo, este mais famoso, é o *Somnium* (1581) do filólogo e humanista flamengo Justus Lipsius, que imita a *Apocolocintose* de Séneca. Podemos referir ainda *Somnium sive peregrinatione coelesti* do teólogo Libertus Froidmont (1587-1653), publicado em Lovaina em 1616 e, mais interessante, *Somnium seu de astronomia lunari*, de Johannes Kepler (1571-1630), cujo contributo efetivo para a ciência é hoje aceite, publicado postumamente em Frankfurt, em 1634. Heesakkers 1985: 500-509; De Smet 1996: 88 ss; Ijsewijn 1996: 134; Ijsewijn e Sacré 1998: 251-252.

⁶ González González 2008: 53, 362.

(“conversos”), cristãos novos ou marranos, grupo que tradicionalmente gozava de boas relações económicas e sociais com a nobreza local, mas que foi perseguido e dizimado com a chegada da Inquisição em 1484. A família do humanista não foi poupada e Vives decidiu procurar refúgio no exílio; nunca mais regressaria a Espanha. Viveu em vários países aceitando o imperativo da mobilidade como parte da sua vida, à semelhança de outros humanistas seus conterrâneos. Conheceu a incompreensão, a censura dos teólogos, a prisão, o desconforto material, as dificuldades de uma saúde débil e, apesar de ávido de serenidade e concórdia (conhece-se bem a sua divisa “sine querela”, *Satellitium animi*, máxima 155), não deixou de defender as suas ideias, no que concerne à educação e à cultura, à política e à religião, por exemplo, com lucidez e rigor. Esteve em França (Paris), em Inglaterra (Oxford e Londres) e na Flandres (Lovaina e Bruges), onde morreu em 1540. Fez os seus estudos primeiro na sua cidade natal e, depois, na Universidade de Paris, entre 1509 e 1512⁷. Mais tarde obterá o lugar de professor de humanidades na Universidade de Lovaina, onde terá permanecido entre 1515, pensa-se, e 1523 (se bem que, a partir de 1512, o seu segundo lugar de residência tenha sido Bruges, onde tinha familiares e amigos⁸). Neste período, em particular entre 1519 e 1522, o Valenciano publicou uma série de obras que apresentam exemplos teóricos e sugestões concretas das ideias que defendia para a educação e para a preservação da tradição clássica. O *Somnium*, a que Edward George oportunamente apelidou “fanciful journey”, é uma destas experiências literárias⁹. Uma excursão fantasista noturna ao reino do deus Sonho, onde as várias peripécias se podem relacionar, de forma mais ou menos direta, com as expectativas de Vives relativamente à educação, com a procura de novos caminhos para um sistema educacional que o humanista considerava anquilosado e a necessitar de reforma.

Devemos notar que logo em 1519, em Lovaina, Luis Vives escrevera um texto mais denso que granjeou, igualmente, elogios de Erasmo e More. Referimo-nos ao *In pseudodialecticos*, a que já aludimos brevemente, publicado na precisa altura em que a pressão dos humanistas requeria a introdução de uma reforma académica na Alemanha e a contestação grassava em Inglaterra, Paris e Lovaina. Neste tratado, o letrado espanhol faz um ataque acutilante ao obscurantismo e repudia o palavreado em uso à época nas escolas dialéticas parisienses, analisando a necessidade de purificar a língua latina, eliminando barbarismos lógicos e procurando estabelecer currículos académicos mais clássicos

⁷ Sabemos, pela correspondência trocada com Erasmo, que terá conhecido, em Paris, o eclesiástico eborense Martinho de Portugal (1485-1547). Bataillon 1952: 62.

⁸ González González 1998: 23, 25.

⁹ A obra de Vives é muito extensa. Cf. Fantazzi 2008. Existe edição crítica da ficção inicial de Vives: Matheussen, Fantazzi, George 1987. George aponta outras duas narrativas fantásticas: *Genethliacon Iesu Christi* e *Aedes Legum*, ambas de 1519. George 1991: 335.

e adequados à realidade do que aqueles que eram habitualmente seguidos. Não é, pois, inusitado que *Somnium Vivis*, publicado um ano depois, espelhe as reflexões e aspirações do seu autor por uma reforma na educação e pelo regresso aos clássicos, ainda que, num contexto mais amplo, o texto tenha o seu lugar na extensa tradição literária que se ocupa dos sonhos e das visões de sonhos¹⁰.

Atentemos então em detalhe no *Somnium Vivis*¹¹. Corria o ano de 1520 quando Luis Vives, numa tentativa de captar a atenção dos estudantes para a novidade dos seus cursos na Universidade de Lovaina, decide dar algumas palestras sobre obras clássicas; uma delas é o *Somnium Scipionis*. Para diversão dos seus alunos e antes de estes entrarem nos aspetos mais sérios da análise e interpretação do texto de Cícero¹², o humanista redige a narrativa satírica em apreço onde se inclui como personagem e viaja para o reino dos sonhos, descrevendo mirabolantes peripécias e encontros. O tom da ficção é intencionalmente irónico e jocoso, bem diferenciado do da segunda peça do livro, *Vigilia in Somnium Scipionis*, em que o Valenciano discute as implicações filosóficas da obra ciceroniana.

Luis Vives principia, pois, a sua série de palestras com um sonho “sonhado” por si próprio. O sonho literário inicia-se quando o autor é surpreendido pela entidade Sono que, de repente e abruptamente, o transporta para o reino da Noite. Vives troca o mundo real pelo da ficção, assume o papel de personagem na narrativa procurando, com o artifício, trazer a graça e a verosimilhança possíveis ao texto e aproveitando, simultaneamente, o ensejo para ridicularizar os estudantes da Universidade de Lovaina. Neste caso, o destaque recai sobretudo na preguiça e proverbial distração e não no gosto pela bebida, pelo jogo dos dados, ou pelos encantos do amor venal¹³:

Hesternae nocte, studiosi iuvenes, cum de enarrando vobis Scipionis somnio cogitarem, Somnus me suam in aedem repente induxit ipsumque somniantem ostendit Scipionem, ex quo me iussit percontari totius illius lucubratum et vigilatum somnii enarrationem. Operae pretium fuerit singula a capite ipso cognoscere et describere vobis templum illius dei, cui vos tam crebro tam libenter sacra facitis, ne ignoretis eum locum in quem piis {et condulcoratis} animis operaturi saepe convenitis. (1, 1)

¹⁰ Sobre a famosa polémica entre escolásticos e humanistas, cf. González González 1998: 13-40. Ver também Swift 1977: 89-90.

¹¹ Além das referências ao livro sexto da *Eneida* de Virgílio, quando Eneias é conduzido a visitar o espectro ou imagem residual do seu falecido pai (6. 264 ss.), ou ao livro onze das *Metamorfoses* de Ovídio, o *Somnium Vivis* contém, igualmente, reminiscências da *Apocolocintose* de Séneca e ecos de Luciano; para além das alusões ao episódio da terra dos sonhos, a conversa entre Vives e Cícero recorda-nos também o narrador na *Vera Historia* de Luciano (2. 20).

¹² Em Lovaina, entre 1519 e 1522, Vives não ensinou apenas o *Somnium Scipionis*. Entre outras obras clássicas, contam-se as *Geórgicas*, de Virgílio; *Das leis*, de Cícero; as *Histórias*, de Tito Lívio; *Júlio César*, de Suetónio e as *Institutiones oratoriae*, de Quintiliano e *Ad Herenium*^o. Swift 1977: 92, Ijsewijn 1996: 153.

¹³ Como duas décadas e meia mais tarde preferirá Petrus Nannius, cf. n. 5.

Ontem à noite, meus jovens estudantes, enquanto preparava para vós a exposição sobre o *Sonho de Cipião*, eis que o Sono de repente me trouxe à sua casa e me mostrou o próprio Cipião que dormia, e mandou-me pedir-lhe uma explicação de todo esse celebrado sonho, que provocou estas noites sem dormir. A minha tarefa seria pôr-vos a par de tudo desde o começo e descrever-vos o templo dessa divindade, em honra de quem tantas vezes e de tão bom grado fizestes votos, de modo a que não desconheceis esse lugar onde, de espírito leal e prazenteiro, tantas vezes aparecestes para vos envolverdes em ritos sagrados¹⁴.

Após a irónica invetiva inicial, Vives descreve detalhadamente a sua viagem: a arquitetura do lugar, os seus habitantes, os deuses presentes e sua genealogia, os animais e hábitos de dormir, as plantas do jardim e suas propriedades medicinais. Este reino é governado pela Noite que partilha o domínio com seu filho o Sono. É aqui que ele construiu o seu palácio de ébano (*ex hebeno*), pois o negro é a única cor que ambos suportam (1. 5). O porteiro e o mordomo do palácio do Sono são, respetivamente, o Repouso (*Quies*) e o Silêncio (*Silentium*) que, encarregues de manter afastado todo e qualquer ruído, guardam a casa de cochichos, murmúrios, sussurros e de vozes e barulhos. Vives descreve os arredores do palácio como a terra dos cimérios, lugar ermo onde apenas se ouvia o suave murmúrio das águas do rio Letes, num irresistível convite ao sono (1. 7), e o zumbido dos mosquitos que surgiam após os lautos banquetes e pairavam sobre o leito da divindade (1. 8). Ali vive *Somnium* com sua mulher Tranquilidade (*Securitate*) e as suas filhas Ociosidade (*Ignavia*), Apatia (*Inertia*), Torpor (Confusão, *Torpor*), Esquecimento (*Oblivium*), Preguiça (*Desidia*) e a tutora Letargia (*Veternus*) (1. 8-9) – a lembrar as companheiras de Mória que desfilam na obra homónima de Erasmo, que muito provavelmente conheceria.

Esta descrição do funcionamento do mundo cimério e das várias figuras mitológicas envolvidas que encontramos no *Somnium Vivis* remete-nos, por um lado, para o catálogo de *topoi* clássicos sobre a noite, a morte, o sono e os sonhos. Mas a excursão noturna de Vives e os eventos que vão suceder também podem ser lidos à luz das suas expetativas de uma reforma educativa coeva, como já referimos.

Enquanto sonhador, o Valenciano vai participar num debate no Senado romano (2)¹⁵. Pitagóricos, platónicos e estoícos intervêm em primeiro lugar na discussão. Todos defendem qualidades proféticas para os sonhos, argumentando que quaisquer falhas que possam surgir são devidas à fragilidade e à errónea percepção humana. De seguida (3), assistimos ao despertar do próprio Sono, devido

¹⁴ O texto latino segue a edição de George (Vives 1989); a tradução das citações é da nossa responsabilidade.

¹⁵ Espaço onde decorrerá a ação do referido *Sonho* de Lípsio, publicado cerca de 60 anos mais tarde (cf. n. 5).

ao barulho que os “sofistas”, i.e. os escolásticos, entretanto fazem. O deus Sono repreende severamente Repouso e Silêncio “por terem introduzido no palácio tal ralé” (*quod tam garrulum genus hominum intromiserint* 3. 39). Repouso e Silêncio, prostrando-se junto à cama do seu senhor, pedem-lhe perdão e argumentam, em defesa, que:

Narrant sophistas esse illos Lutetianos, a quibus sibi esset infeliciter impositum, quippe cum nec graece loquerentur nec latine nec lingua aliqua quam ipsi nossent (noverant autem humanas omnes), divinam vero solam ignorarent, putarunt istos plus esse quam homines, deos plane quosdam, qui sic loquerentur; non potuisse aliter facere quin et reverendissime eos non ad ipsius quidem Somni, sed ad somniorum cubiculum, quo pervenire magnis conatibus contendebant, introducerent. (3. 39)

Alguns sofistas de Paris os tinham enganado infamemente, porque, como não falavam grego ou latim, ou qualquer língua que eles conhecessem (e eles conheciam todas as línguas humanas e só ignoravam a divina), julgaram que eles seriam, certamente, super-homens ou deuses uma vez que sua conversa era de tal género que não podiam fazer mais nada a não ser votar-lhes respeito e reverência, introduzindo-os não na sala do trono do Sono, mas no quarto dos sonhos, onde eles [os sofistas] procuravam entrar.

Ao que o deus Sono responde irritado:

Sit satis semel peccasse. Posthac scitote illam non esse linguam humanam, multo minus divinam, sed strepitum et interpellationem totius quietis; eiciantur hinc primo quoque tempore. (3. 39)

Basta terem errado uma vez. A partir de agora ficam a saber que tal língua não é uma língua humana e muito menos uma língua divina, mas um tagarelar intolerável, que aliena qualquer descanso. Afastem-nos daqui o mais rápido possível.

Ordena, então, a expulsão dos escolásticos provocando a revolta entre quase todos os *somnia* que se queriam unir aos exilados. À semelhança do episódio inicial, onde Vives critica os seus alunos de Lovaina, aqui é o deus Sono que achincalha os “sofistas” de Paris, e descreve como são obrigados a abandonar o seu palácio, onde causaram grande pandemónio e de onde se recusaram a sair a não ser acompanhados pelos seus amigos, os sonhos (3. 40). A ignorância que evidenciavam relativamente aos aspetos relacionados com o mundo real era tão notória que nem podiam afirmar a que distância ficava Paris de St. Denis e, nas viagens que se seguiram a várias zonas do mundo, eram os sonhos que conduziam os sofistas e não o inverso. Lê-se, na

verdade, na descrição da visão sonhada, nova crítica mordaz à academia, desta feita à parisiense e seus Doutores (tal como na obra *In pseudodialectos*)¹⁶. Uma das objeções apontadas recai sobre linguagem ininteligível que empregavam. A inabilidade e incapacidade natural evidenciada para provarem as suas proposições, através de palavras habituais e normais, era tão grande que torciam a língua e inventavam para si próprios significados de palavras contrários ao costume e convenções em uso, isto para parecer terem vencido nos debates, quando não eram compreendidos.

Não obstante, na viagem onírica de que é o protagonista, Luis Vives é uma entidade praticamente inexistente até a visita já estar bastante adiantada, mais precisamente até ao momento em que *Insomnium* (a Insónia), uma das seguidoras do Sono, o reconhece:

Insomnium, et cum attentius perspexisset, agnovit congerronem. "Papae! tu es Vives," inquit, "cui ego soleo saepe persuadere eum modo cum Cicerone modo cum Quintilian, tum Parisiis tum Valentiae [...] versari et suavissime disputari?" «Ipsissimus,» inquam; sed ad Scipionem, quaeso te, celerius» (4. 46)

Insónia, depois de ter olhado atentam-te para mim, reconheceu-me como um colega.

– Olá! – disse-me. – Tu és Vives a quem eu muitas vezes convenci em amistosos debates, agora com Cícero, depois, com Quintiliano, em Paris ou em Valência [...]?

– Esse mesmo Vives – disse eu. Mas por favor vamos ter com Cipião e depressa.¹⁷

Vives pede então a Insónia para o levar para junto de Cipião, para os humanistas epígono das virtudes civis e militares da República Romana¹⁸. O Valenciano quer saber o significado do sonho. É então conduzido a uma sala onde o seu guia descreve um conjunto de habitantes conhecidos do reino do Sono. Entre eles encontram-se alguns dos mais famosos dialéticos e lexicógrafos do final da Idade Média e início do Renascimento, como Ockham, Paulo de Veneza e especialmente o *veteranus somniator* Juan Escoto, cuja mestria Vives destaca. O encontro com Cipião, porém, não corre nada bem pois Cipião parece não ter paciência para atender o pedido do Valenciano:

"Abi," inquit, "quam primum, nam nec satis scio quae somniarim, nec vacat mihi in praesentia ut somniis animum intendam. (4. 48)

¹⁶ Fantazzi 2008: 101-102.

¹⁷ Veja-se, a este propósito, George 1991: 341.

¹⁸ *Somnium* não é a única obra do autor onde surge a personagem Cipião. Cf. Zappala 1991: 828 ss., George 1998: 259 ss.

Sai quanto antes daqui, – disse ele –, porque já nem sei agora o que sonhei, nem quero neste momento prestar atenção a sonhos.

Só depois de alguma insistência, Cipião Emiliano aponta para um homem que o sonhador reconhece como Cícero. Gera-se maior confusão e acentua-se o registo cómico. O Orador vai confundir o letrado espanhol com um cidadão romano e, posteriormente, Vives encontra-se no meio de uma discussão violenta, com as três Parcas, a respeito do futuro da cultura no Ocidente, nomeadamente sobre a necessidade de reabilitação dos Estudos Clássicos. A disputa envolve duas facções, uma que está a favor de Cloto, que representa o presente, e a outra de Átropos, que prefigura o passado, pretendendo ambas ganhar a simpatia da terceira moira, Láquesis, que simboliza o futuro. Cloto tenta persuadir Láquesis das vantagens em que se mantenha a situação atual na educação. Átropos mostra-se desesperada com a ignorância, vaidade, sordidez, absurdo, miséria e outros defeitos similares que imperaram durante os anteriores dezasseis séculos, e apoia o regresso ao que existia há mil anos atrás (5. 83). Cada proposta tem muitos adeptos. Os amigos de Cloto, que são homens comuns sem posição ou prestígio, recorrem a um argumento peculiar: não há necessidade de mudança, pois não se deve abandonar o antigo em benefício do novo. Os seguidores de Átropos, pelo contrário, pertencem ao escol da sociedade, ao grupo dos melhores e mais nobres homens e incluem nas suas fileiras escritores cristãos, como S. Paulo, Jerónimo, Ambrósio e Agostinho, e também alguns notáveis pagãos, como Aristóteles, Platão, Virgílio, Séneca e ... Cícero. Estes usam argumentos mais elaborados e sistematizados e contratam os serviços do Arpinate para apresentar esses argumentos perante a assembleia. O Orador, numa exposição muito curta e persuasiva, defende Átropos e denuncia os seus opositores. Sustenta que Cloto encarna a situação atual, porque é tudo o que conhece e termina a sua exposição pedindo a Átropos que continue a envidar esforços para restaurar os tempos passados. Láquesis, por fim, prepara uma disposição promulgando a reabilitação da tradição clássica na educação. Há consenso e aprovação entre os contendores, tal como no céu, onde Cícero e Vives são, desta feita, admitidos. Os deuses prometem limpar a terra e este novo acordo é encarado como um retorno e uma espécie de restauração da Idade do Ouro (5. 90)¹⁹.

Neste ponto do enredo, Vives usa o Orador para atacar novamente os escolásticos. O sofisma pueril que Cícero identifica entre os seguidores de Cloto, juntamente com o declínio acentuado do estudo de línguas antigas, da filosofia e das artes, que o escritor e estadista romano destaca cruamente, é o mesmo que o Valenciano atribui aos dialéticos i.e. aos escolásticos seus contemporâneos. Contudo Luis Vives continua ainda, neste último estágio do seu sonho, bastante

¹⁹ Swift 1977: 103-107.

interessado em saber o significado do *Sonho de Cipião*, o significado do sonho do homem que tão profundamente reverencia, como espelham as suas palavras: “Desde a fundação de Roma, ninguém iguala Cipião em prudência, ou prestígio, ou honestidade, ou glória militar” (*Scipioni vero ipsi nemo post conditam urbem fuit, sive prudentia, sive auctoritate, sive innocentia, sive belli gloria par*; 6. 68). Cícero responde-lhe: “Não irei ignorar o teu pedido” (*Quare nec tibi id me roganti deero ...*, 6. 64). No entanto, em vez da esperada e prometida explicação sobre o significado do Sonho, a única informação que o Valenciano consegue recolher do Arpinate é um breve resumo do *Somnium Scipionis*, e com este resumo a narrativa é bruscamente interrompida.

“Sinto-me mais relaxado agora, pois neste momento deixei de sonhar e de estar acordado” (*Solutior iam sum aliquanto: hac enim ipsa hora et somniare desii et vigilare*) desabafará, de forma algo enigmática, Luis Vives na carta que escreve ao seu amigo Frans van Cranevelt (*Epistula 7*)²⁰, conselheiro de Mechelen, imediatamente após ter enviado a sua obra para o editor, Jean Thibault, em Paris.

O *Somnium Vivis* termina de forma abrupta, mas as ideias éticas e práticas da Antiguidade adequam-se perfeitamente à *utilitas* que o Valenciano considera o objetivo de toda a educação, que defende na sua ficção juvenil e que manterá em obras de maior fôlego escritas posteriormente. O entusiasmo que revela pela narrativa ciceroniana – que considera a mais elegante e erudita de tudo quanto o Orador escreveu e um pequeno treino para doutrina e instrução do príncipe perfeito²¹ – é manifestamente evidente desde o início do seu *Sonho*. No entanto a seriedade que encontramos no texto de Cícero não tem paralelo no de Vives, nesta viagem fantasista onde o delirante ambiente circundante, a atenção festiva que atribui ao deus Sono, a confusão persistente sobre o significado dos sonhos, os debates eternamente indecisos, mergulhados num contínuo tom humorístico, são propícios a que tudo convirja para conceder um esteio brincalhão à totalidade da narrativa, que irá influenciar, de forma inegável, o *corpus* posterior da sátira humanista.

²⁰ Ijsewijn 1992: 26 *apud* Fantazzi 2008: 98.

²¹ Cf. *Pref. Epist.* 5.

REFERÊNCIAS

- Bataillon, M. (1952), *Études sur le Portugal au temps de l' humanisme*. Coimbra.
- Cícero (2008), “Sonho de Cipião”, in F. Oliveira (ed.), *Tratado da República*. Lisboa, 15-56, 225 ss.
- De Smet, I. (1996), *Menippean Satire and the Republic of Letters: 1581 – 1658*. Geneva.
- Espírito Santo, A. (2010), “Leituras do ‘Sonho de Cipião’: Antiguidade Tardia e Idade Média”, in V. Pereira (coord.), *O além, a ética e a política: em torno do Sonho de Cipião*. Famacão, 101-117.
- Fantazzi, C. (2008), *A Companion to Juan Luis Vives*. Leiden.
- Fantazzi, C. (2008), “Introduction”, in C. Fantazzi (ed.), *A Companion to Juan Luis Vives*. Leiden, 1-14.
- Fantazzi, C. (2008), “Vives and the Pseudodialecticians”, in E. Rummel (ed.), *Biblical humanism and scholasticism in the age of Erasmus*. Leiden, 93-114.
- George, E. (1991), “Fanciful Journeys in Vives’s Early Writings”, in A. Dalzell, C. Fantazzi, R. Shoek (eds.), *Acta Conventus Neo-Latini Torontonensis: proceedings of the Seventh International Congress of Neo-Latin Studies*. Binghamton, New York, 335-343.
- González González, E. (2008), “Juan Luis Vives Works and Days”, in C. Fantazzi (ed.), *A Companion to Juan Luis Vives*. Leiden, 15-64.
- González González, E. (2008), “Fame and Oblivion”, in C. Fantazzi (ed.), *A Companion to Juan Luis Vives*. Leiden, 359-414.
- González González, E. (1998), “La crítica de los humanistas a las universidades. El caso de Vives”, in F. Fdez Nieto, A. Malero, A. Mestre (eds.), *Luis Vives y el Humanismo europeo*. València, 13-40.
- Heesakkers, C. (1985), “Two Leiden Neo-Latin Menippean Satires. Justus Lipsius’ *Somnium* (1581) and Petrus Cuneus’ *Sardi venales* (1612)”, in R. Shoek (ed.), *Acta Conventus Neo-Latini Bononiensis: proceedings of the Fourth International Congress of Neo-Latin Studies*. Binghamton, New York, 500-509.
- Ijsewijn, J. (1996), “Joan Luís Vives, l’humanista”, in J. Ijsewijn (ed.), *Humanisme i literatura neolatina*. València, 107-168.
- Ijsewijn, J. (1992), “‘Litterae ad Craneveldium Balduiniana’. A Preliminary Edition”, *Humanistica Lovaniensia* 41: 1-85.
- Ijsewijn, J., Sacré, D. (1998), *Companion to Neo-latin Studies*. 2 vols., vol. 2. Leuven.
- Luciano de Samósata (2012), *Luciano*. 4 vols., vol. 2. Coimbra.
- Matheeußen, C., Fantazzi, C., George, E. (1987), *Early Writings*. New York, Leiden.

- Oliveira, F. (2010), “O ‘Sonho de Cipião’. Um programa de cidadania e liderança.”, in V. Pereira (coord.), *O além, a ética e a política: em torno do Sonho de Cipião*. Famacão, 65-86.
- Swift, L., “Somnium Vivis y el Sueño de Escipión,” in P. Sainz Rodriguez et al. (eds.), *VI Congreso de estudios clásicos: homenaje a Luis Vives*. Madrid, 89-112.
- Vives, J. (1989), *Somnium et Vigilia in Somnium Scipionis (Commentary on the Dream of Scipio)*. Greenwood.
- Zappala, M. (1991), “Vive’s De Europae dissidiis et bello turcico”, in A. Dalzell, C. Fantazzi, R. Shoek (eds.), *Acta Conventus Neo-Latini Torontonensis: proceedings of the Seventh International Congress of Neo-Latin Studies*. Binghamton, New York, 823-830.